

Plataformização no 3º ano do Ensino Médio e o impacto da colonialidade na educação paulista: uma análise decolonial

Ms. Sandra Mônica Chaves Souza¹
Dr. Carlos Roberto da Silveira²

Resumo

A plataformização da Educação já é uma realidade no estado de São Paulo. Essa pesquisa em andamento, refere-se à temática de um projeto de doutorado que busca compreender o que pensam e sentem estudantes do 3º ano do Ensino Médio a respeito desse fenômeno, assim como, analisar os impactos da colonialidade na educação paulista, a partir de uma perspectiva decolonial, fundamentada nas teorias de Enrique Dussel. Os objetivos específicos incluem: compreender o papel da plataformização e colonialidade; analisar a percepção dos estudantes sobre sua formação escolar; examinar suas visões sobre o ensino superior; investigar os “projetos de vida” que elaboram. O estudo será desenvolvido em duas escolas, com a participação de dez estudantes. Adotará o Método Analético, reflexivo e filosófico. Espera-se sugerir perspectivas outras para a discussão sobre a plataformização da educação, compreendendo que a colonialidade não apenas estrutura a realidade social e política, mas também invade as formas como os indivíduos se percebem e se posicionam no mundo.

Palavras-chave: Plataformização; Educação; Colonialidade; Decolonialidade.

1.Introdução

O uso das plataformas digitais implementadas no sistema público de ensino do estado de São Paulo já é uma realidade e se configura como um novo fenômeno no processo de escolarização, contribuindo de forma significativa na construção de saberes e subjetividades. O estudo dessa temática se justifica pelo fato da plataformização constituir-se como uma imposição do governo estadual, que estabelece uma nova organização da escola e do processo formativo da juventude paulista.

Este projeto de pesquisa de doutorado, ainda em andamento, tem o objetivo de compreender a plataformização no 3º ano do Ensino Médio e analisar o impacto da colonialidade na educação paulista numa perspectiva decolonial. A investigação se desenvolve a partir da percepção e dos sentimentos dos estudantes dessa etapa final da educação básica, atravessado pelas teorias críticas latino-americanas, especialmente sobre a colonialidade do Ser, Saber e Poder, de Enrique Dussel. Os objetivos específicos incluem: compreender o papel da plataformização no contexto do neoliberalismo, das

¹ Doutoranda do PPGSS em Educação da Universidade São Francisco.

² Professor do PPGSS em Educação da Universidade São Francisco

colonialidades e da decolonialidade; analisar os depoimentos dos estudantes sobre suas experiências formativas no Ensino Médio; examinar suas visões a respeito do ensino superior; e investigar os discursos dos estudantes sobre seus “projetos de vida”.

No contexto brasileiro, percebe-se que por trás desse fenômeno da plataformização da educação, estão grandes empresas, nacionais e internacionais que impulsionam as reformas educacionais em uma tendência a incentivar a privatização e a mercantilização do sistema educativo (Mallmann, 2023; Leher, 2022; Santos; Rosa; Fresquet, 2024).

Desta forma, a educação contemporânea alinha-se à nova ordem mundial, na qual as políticas educacionais são fortemente influenciadas por organismos internacionais., que promovem uma política pública de educação baseada em indicadores e metas quantificáveis como critérios de governabilidade, estabelecendo mecanismos de controle e padronização dos sistemas de ensino nacionais (Libâneo, 2016). Que em muitos aspectos, entra em conflito com a finalidade da educação, da escola pública e com o princípio da gestão democrática (Palú; Arbigaus; Silveira, 2023).

No cenário educacional brasileiro, podemos notar que a plataformização é um fenômeno relativamente novo. Embora tenha se desenvolvido de forma gradual, começou a surgir a partir da reforma do Ensino Médio, em 2017 (Almeida; Severino; Dias, 2023). Entretanto, foi com a pandemia da Covid-19, entre os anos de 2020 e 2021, que o uso das plataformas digitais se expandiu e se acelerou significativamente nas escolas públicas de todo o Brasil (Barbosa; Alves, 2023).

Em março de 2023, Tarcísio de Freitas, governador do Estado de São Paulo, lançou o Programa Sala do Futuro, um pacote de ferramentas digitais que segundo ele, leva a Educação Paulista para uma fase, mais moderna e atrativa para os estudantes, transformando a experiência educacional e enriquecendo o processo de aprendizagem. Para o governador o objetivo é que, “no final, o aluno tenha ferramentas para ingressar no mercado de trabalho e prosperar” (SEDUC-SP, 2023).

É fundamental compreender a inserção das plataformas sob a alegação da melhoria da qualidade da educação e da gestão escolar, mas também ficar atento para que a lógica do mercado não sobreponha sobre os processos formativos. Nesse sentido, podemos perceber que a plataformização impõe inúmeros desafios aos sistemas educativos, que precisam ser analisados de uma forma decolonial.

Para compreender a colonialidade/decolonialidade de Enrique Dussel (1977), é preciso entender a crítica que ele faz à modernidade e ao imperialismo. Para Dussel (1977), a colonialidade é um conceito utilizado para se referir às estruturas de dominação, subordinação e exploração que surgiram com a colonização das Américas e que continuam a se manifestar de formas sutis até os dias de hoje, sendo uma força constante de opressão e marginalização, mesmo após o fim do colonialismo. É também a forma como o mercado capitalista controla recursos, trabalho, capital e conhecimento. A colonialidade pode ser dividida em três dimensões: Colonialidade do poder, que se refere à dimensão econômica-política das heranças coloniais; Colonialidade do saber, que se refere à dimensão epistêmica das heranças coloniais e produção de conhecimento impostos pelo paradigma eurocêntrico; e Colonialidade do ser, que se refere à dimensão ontológica das heranças coloniais à experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem e na construção da subjetividade dos latino americanos (Dussel, 1993).

O pensamento decolonial, propõem o questionamento do eurocentrismo que desqualificou o conhecimento dos sujeitos coloniais. A escola, por muito tempo, atuou como instrumento de disseminação da cultura ocidental e eurocêntrica. A partir de uma perspectiva decolonial, torna-se necessário questionar as estruturas de poder e conhecimento que perpetuam desigualdades históricas.

Dessa forma, para alcançar os objetivos propostos, serão realizadas entrevistas semiestruturadas em duas escolas públicas estaduais situadas no interior de São Paulo, com a participação de dez estudantes: cinco de uma escola localizada em uma área periférica e cinco de uma escola do centro da cidade. A pesquisa terá uma abordagem qualitativa, de caráter teórico e bibliográfica e adotará o método Analético, reflexivo e filosófico, com o intuito de compreender as subjetividades dos estudantes. “Analético é um método que parte do Outro, enquanto livre, [...]; que parte, então, de sua palavra, da revelação do Outro (Dussel, 1986, p. 196).

O diálogo que se estabelece com o Outro, reconhecendo e valorizando a sua palavra, é denominada “Alteridade”, conceito central no pensamento de Enrique Dussel. Reconhecer o que o Outro diz é reconhecer sua própria forma de interpretar o mundo, legitimando sua experiência e sua existência enquanto sujeito (Dussel, 1977).

O estudante da escola pública contemporânea está inserido em uma instituição que reflete e reproduz a lógica da colonialidade. Trata-se de uma escola fortemente marcada pela ideologia neoliberal, que prioriza a formação voltada para o mercado de trabalho em

detrimento de uma formação humana integral, crítica e emancipadora. Esse modelo educacional tem contribuído para o esvaziamento do sentido da escola, ao mesmo tempo em que constrói subjetividades conformadas, moldadas para a manutenção da exploração e da lógica produtivista, sem espaço para a reflexão crítica e a autonomia dos sujeitos (Libâneo, 2016).

A escola precisa refletir criticamente sobre o lugar do estudante, o Outro, historicamente excluído dos currículos oficiais, aquele que não se reconhece nos conteúdos, nas práticas pedagógicas, nem no espaço simbólico da escola, e cuja expressão e voz são sistematicamente desvalorizadas. Diante disso, torna-se necessário repensar o modelo educacional vigente, de modo a acolher esse Outro, reconhecendo sua alteridade e incorporando seus saberes, experiências e culturas nos projetos pedagógicos e nos planejamentos educativos. Essa abertura à pluralidade é fundamental para a construção de uma educação verdadeiramente inclusiva, crítica e libertadora (Pansarelli, 2007).

É necessário desvelar as estruturas de dominação que se manifestam sutilmente nas plataformas, mas que não se limite apenas aos dispositivos tecnológicos, mas que questione os projetos de mundo que os sustentam.

A Pedagogia Decolonial se revela como uma abordagem educacional que busca desconstruir os legados coloniais presentes no conhecimento, nas práticas pedagógicas e nas relações sociais e pode nos dar pistas de como ter um pensamento outro sobre a educação brasileira (Oliveira; Candau, 2010).

Embora a pesquisa esteja em andamento, é possível perceber que os alunos do Ensino Médio têm suas formações escolares ideologicamente moldadas pelas colonialidades das plataformas e pelo neoliberalismo. Dessa forma, esperamos sugerir perspectivas outras para a discussão sobre a plataforma da educação, uma vez que a colonialidade não só estrutura a realidade social e política, mas também invade as formas como os indivíduos se percebem e se posicionam no mundo.

2. Agradecimento

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

3.Referências

ALMEIDA, C. R. S.; SEVERINO, A. J.; DIAS, E. T.M. Formação no Ensino Médio: Contribuição da Filosofia. *EccoS – Revista Científica, [S. l.]*, n. 67, p. e25616, 2023. DOI: 10.5585/eccos.n67.25616. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/25616>. Acesso em: 10 set. 2025.

BARBOSA, R. P.; ALVES, N. Reforma do Ensino Médio e a Plataformização da Educação: expansão da privatização e padronização dos processos pedagógicos. *Fluxo contínuo* v. 21, 2023. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2023v21e61619>

CANDAU, V. M. F.; RUSSO, K. Interculturalidade e Educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. *Revista Diálogo, Educ.* Curitiba, v. 10, n. 29, 2010.

DUSSEL E. *Filosofia na América Latina I*. Filosofia da Libertação. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

DUSSEL, E. 1492 – *O encobrimento do outro*: a origem do mito da modernidade. Trad. Jaime A. Clasen. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1993.

DUSSEL, E. *Método Para Uma Filosofia da Libertação*. Trad. Jandir João Zanotelli. São Paulo: Loyola, 1986.

LEHER, R. Mercantilização da Educação, Precarização do Trabalho Docente e o Sentido Histórico da Pandemia Covid 19. *Revista de Políticas Públicas*, v.26, n. Especial, p. 78–102, 30 Dez, 2022 Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/20262>. Acesso em: 10 jun 2025.

LIBÂNEO, J. C. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, n. 159, p. 38-62, Jan-mar, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053143572>

MALLMANN, E. M. A Vulgarização da Inovação nas Políticas Públicas e a Hegemonia Proprietária na Plataformização da Educação Pública. *Paradigma*, 44(5), 542–568, 2023. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2023.p542-568.id1516>.

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educação em Revista*: Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, 2010.

PALÚ, J.; ARBIGAUS, J.S.; SILVEIRA, A. A. D. Plataformização da Educação, da escola pública e suas formas de gestão: entre promessas e realidades. *Revista de Ciências Humanas*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 160–186, 2023. DOI: 10.31512/19819250.2023.24.02.160-186. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/revistadech/article/view/4590>. Acesso em: 11 jun. 2025.

PANSARELLI, D. *Enrique Dussel e a pedagogia latinoamericana*. In: BOTO, C., ed. clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019.

SANTOS, J. A. S.; ROSA, F. J. P.; FRESQUET, A. M. Políticas públicas e possibilidades pedagógicas do cinema na escola como educação antirracista e indígena. *Revista Espaço Pedagógico*, [S. l.], v. 31, p. e16345, 2024. DOI: 10.5335/rep.v31.16345. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/16345>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SEDUC-SP, 2023. *Governo lança programa Sala do Futuro para modernizar a educação e reduzir a evasão escolar de São Paulo* – Portal de Notícias. <https://www.educacao.sp.gov.br/governo-lanca-programa-sala-futuro-para-modernizar-educacao-e-reduzir-evasao-escolar-de-sp/#:~:text=O%20governador%20do%20Estado%20de,moderna%20e%20atrativa%20aos%20estudantes>. Acesso em: 5 de fev 2025.